

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



TÂNIA ALEXANDRA

Quero-te...

Amanhã

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



**Ficha Técnica:**

**Título Original:** Quero-te... Amanhã

**Autora:** Tânia Alexandra

Copyright © Tânia Alexandra

Copyright © Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Revisão:** Susana Sousa, Tânia Roberto e Rosalina Marques

**Edição:** Susana Sousa

**Design/Diagramação:** Tânia Roberto

**Capa:** Tânia Roberto

**Imagem de Capa:** Canva

**1ª Edição:** setembro de 2023

**Acabamento/Impressão:** Foco – Serviços Editoriais, Lda

© 2023

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**ISBN:**

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO

*O amor é a porta para a cura*



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



***Aviso de Conteúdo***

A obra, “*Quero-te... Amanhã*”, contém cenas de sexo explícito.



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



## Capítulo 1



Tilintava com os dedos sobre a mesa da esplanada, enquanto esperava pela sua companhia. Quando Rita se apercebeu onde tinham combinado o encontro, já era tarde demais, nunca o aceitaria no seu perfeito juízo. Bebeu o café que ainda restava no fundo da chávena. Os pensamentos distanciaram-se para aquele edifício onde teve coragem de entrar duas vezes. Onde a vida dela mudou.

Ainda havia tempo de mudar o lugar do encontro, só não havia justificação para essa decisão. O tempo passava, de vez em quando verificava as horas no telemóvel. Seria mais forte do que isso. Nunca fugira dos problemas, não era agora que o começaria a fazer. Respirou fundo, focou o olhar nas pessoas que passavam na correria do dia a dia. Não resultou. Deu por si, de novo, a encarar o edifício branco do outro lado da rua, a reviver momentos que pensava esquecidos. A notificação no telemóvel trouxe-a de volta ao presente.

*Estou atrasado. Espera só mais um pouco.*

Desconfortável, remexia o corpo na cadeira, coçou a têmpora direita ao de leve, e pediu outro café ao empregado. Cruzou as pernas, na tentativa de se manter recostada na cadeira. O pedido chega à mesa quando sentiu uma mão no seu ombro. Apreensiva, olhou de esguelha e deixou o ar que prendia sair ao constatar ser a sua melhor amiga.

— Ora se não é a amiga mais gatona da nossa cidade.

Ela sentou-se, na cadeira em frente a Rita e colocou as compras na cadeira ao lado. Pediu uma água tônica ao empregado e um pastel de nata, com um sorriso rasgado.

— Olá, Joana!

As saudades da sua confidente eram imensas. Nos últimos tempos, com a acumulação de trabalho, raramente se viam.

— Vens aqui para os meus lados e não dizes nada? Não esperava ver-te por aqui. Como vão os preparativos? Como vai o senhor certinho que acha que tu ainda não aprendeste nada?

*Ambas deram uma gargalhada.* — Eu ainda tenho muito para aprender, mas isso fica entre nós.

— Amiga, pelo que me contaste, não tens muito para aprender.

Como tantas vezes, Joana segura a colher do café da amiga para lambar. O pedido que fizera chega à mesa e o olhar de Rita fugiu de novo para o edifício do outro lado da rua. Joana reparou no olhar fixo da amiga e recostou-se na cadeira. Sabia o quanto a amiga sofrera com todos os acontecimentos, o quanto continuava a sofrer, sem admitir.

— Não esperava encontrar-te aqui tão perto do estabelecimento prisional.

— Nem eu! — *Rita baixa o olhar para o chão.* — Já era tarde quando me apercebi onde estava. O Renato é que combinou aqui, e está atrasado.

— Porque não pediste para mudar o lugar?

— Porque não gosto de mentir. Que justificação lhe daria? Deixa lá! Este encontro deu-me a oportunidade de te ver e colocarmos a conversa em dia.

— Ele já saiu da prisão, sabias? Porque não vais à procura dele? Talvez se consigam entender.

— Já te esqueceste o que o sacana me fez?

— Mostrou-te o melhor da vida, foi o que ele fez.

Rita semicerrou o olhar na direção da amiga, enquanto dilatava as narinas.

— O que foi? Não olhes assim para mim. Tens de ver o lado positivo da vida, e esse foi muito positivo na tua. Ai se o Renato soubesse.

— Mas não sabe, e pretendo que se mantenha assim. Além disso, não existe nada positivo nas mentiras que ele me contou. Ele nunca me amou, foi tudo um estúpido jogo. Ele estava noivo.

Joana vislumbrou a dor no olhar da amiga. Ela ainda o amava, dificilmente esqueceria o que aconteceu entre ambos.

— Eu sei que ele te fez sofrer. Não estou a justificar a atitude dele, mas ambas sabemos que não é por isso que continuas magoada.

— Então é porquê?

— Por seres orgulhosa e teimosa demais para lutares por ele. E estás a sofrer por isso, por estares com um tipo de quem não gostas, por deixares o homem que amas fugir.

— Tu não sabes do que estás a falar. Esse assunto para mim está terminado.

— Tudo bem! Tudo bem! — *Joana bebe um gole de água.* — Mas não acredito que deixaste de pensar nele. Como também não acredito que tu e o Renato se irão casar. Quantas vezes já adiaste esse casamento? Duas, três vezes...

— Na verdade, cinco.

— Tu nunca serás feliz com o Renato. Sabes porquê? A pessoa que realmente queres não é ele. Adiares o óbvio só te fará sofrer mais. Para de arranjar desculpas, só te estás a enganar a ti própria e ao cavalheiro do Renato.

Rita ergueu o olhar, a sua amiga saboreava o pastel de nata, com um sorriso rasgado. Até a comer, a miúda emanava estilo. De novo, deu por si a fixar o olhar no edifício branco. Expeliu o ar devagar. Apesar da importância que ele ainda tinha na sua vida, fazia parte do passado, onde tem de permanecer. Como qualquer outra pessoa, sabia que ele já não estava preso, foi a notícia do século. Não voltaram a encontrar-se depois disso, provavelmente não faria parte do seu futuro voltar a vê-lo. Outra notificação no telemóvel.

Pegou no aparelho e torceu o nariz.

*Estou a estacionar. Até já!*

— Parece que o Renato vem aí.

— Uau! Que entusiasmo a receberes notícias do teu noivo.

Aposto o frete que será quando estiveres pela primeira vez com ele.

— Não seas parva, eu vou gostar com toda a certeza.

— Hum! Hum! Como o David te fez gostar?

Rita engoliu em seco ao ouvir o nome dele, nesse momento as mãos de um homem pousam sobre os seus ombros, virou-se para ele, sorrindo a custo. Joana percebeu que tocou no ponto fraco da amiga quando ela voltou a fitá-la, percebeu de imediato que Rita nunca se entregaria ao noivo, era só uma questão de tempo para a data do casamento ser alterada de novo.

Renato sentou-se após cumprimentar Joana e pediu um café.

— Lembraste da minha amiga Joana?

— Como haveria de esquecer. Ela fez-se ao meu primo.

— Parece-me um tom muito desaprovador. Eu aposto que ele não desaprovou nada do que fizemos.

— Eu prefiro que ele se mantenha ciente de certas coisas. Coisas importantes que tu também devias dar valor.

— Como o sexo depois do casamento? Acho que o teu primo não desaprova como pensas. Talvez te devesse informar melhor.

— Devias aprender alguma coisa com a Rita. Ia fazer-te bem.

— Sem dúvida, adoraria aprender. — *Pisca o olho à amiga que tenta se manter calma.* — O que achas Rita? Há alguma coisa que eu deva aprender?

— Acho que já era hora de se darem bem, não? Além disso, o Renato tem razão, ainda apanhas um susto de andares sempre de osso em osso.

— Não te preocupes. Vou deixar os pombinhos tratar dos preparativos e namorar há vontade.

— Já vais tarde. — *Sussurra Renato.*

Rita arregalou os olhos na direção de Renato. Adorava o namorado, mas não suportava quando era rude com a amiga. Joana depositou um beijo na bochecha da amiga, virou costas a Renato e pegou nas compras, afastando-se.

— Estava a ver que não.

— Não precisas de ser rude. Se sabes que ela é assim, por que

estás sempre a criticá-la por tudo e por nada?

— Diz-me que ela não faz o mesmo comigo...

*Rita inspirou durante uns segundos o ar à sua volta.* — Diz lá o que queres. Tenho uma marcação com uns clientes e não me posso atrasar.

— É sobre a nossa casa. Tu nunca mais te decidiste se querias aquela, então dei entrada com os papéis para a comprar.

— Sem a minha autorização. É assim que vamos fazer as coisas? Eu digo para esperares e tu avanças? Eu não quero comprar uma casa a correr. Nem sequer temos a data do casamento marcada.

— Já tratei disso também e desta vez, Rita... não marques reuniões para esse dia.

Rita levantou-se e chamou o empregado, pedindo a conta.

— Já te vais embora? Acabei de chegar.

— Eu vim à hora combinada, não tenho a culpa do teu atraso. Não vou deixar os clientes plantados.

O empregado chegou com a conta e colocou-a em frente de Renato.

— A outra menina já pagou a conta toda, só falta o seu café. Ela disse para lhe entregar o papel a si.

— Que lata.

Rita disfarçou um curto sorriso. Era mesmo típico da Joana. Para evitar mais algum assunto, deu-lhe um beijo rápido na cara, ao longe ainda o ouviu a resmungar sozinho. Já dentro do carro avistou de novo o topo do edifício e sentiu uma palpitação no peito ao recordar a decisão que tomou, a decisão que ele nunca soube. Abanou a cabeça, verificou as pastas que estavam no assento do pendura, e depois fez-se à estrada. Era a primeira vez que apresentaria uma casa de luxo e não estava nada calma após a conversa que teve com aqueles dois. Só restava confiar no seu profissionalismo, na sua cativação pessoal como tantas vezes havia feito. Não era por acaso que era a agente imobiliária com mais sucesso no ramo, sendo constantemente abordada por outras agências.

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



## Capítulo 2



**E**stacionou no acesso que levava à entrada principal da casa. Numa primeira vista ainda não havia sinal dos clientes. Rita verificou de novo a pasta antes de ajeitar o cabelo. O som de um motor fez-se ouvir, pelo retrovisor, Rita observa os seus clientes estacionarem atrás dela. De leveza no rosto, saiu do automóvel, de forma confiante, cumprimentou-os. Umhas curtas palavras, de apresentação modesta, e indicou-lhes o caminho da entrada com a sua mão direita.

Cada divisão era mostrada ao pormenor. Por momentos atreveu-se a sonhar com a possibilidade de um dia comprar uma casa daquela dimensão. Convidou-os a sentar, realçou os aspetos positivos, no que dizia respeito ao acesso a infantários, escolas e parques que poderiam satisfazer o casal caso fosse o desejo de formarem família. Quando parecia ter o negócio fechado ouviu vozes.

Acalmou os clientes, com duas palavras antes de deixar a divisão, incentivou-os a pensar em algo mais que quisessem saber. Em passos certos, Rita seguiu as vozes até à sala, avistou um casal concentrado nas palavras de uma figura masculina, com ombros largos, que se encontrava de costas para si.

A silhueta corporal daquele homem fez os seus pelos dos braços se arrepiarem, um baque certo no seu peito começou sem parar. A figura masculina rodou os calcanhares, e quando os olhos de ambos se cruzaram, Rita forçou a secura que se instalara na garganta. Na sua frente, aquele homem de cabelo castanho, curto, vestido com calça de ganga preta, de camisa branca, com os botões certos abertos e um blazer preto davam-lhe a aparência de agente imobiliário mais atraente do planeta.

Tudo desapareceu e ficou só aquela visão, aquela mulher de saia lápis azul-escura, com a camisa branca aberta em cima, de

cabelo curto desalinhado, deixaram-no sem palavras, percorreu a mente à procura do músculo para mexer os lábios, sem sucesso. A beleza dela continuava a persegui-la e a encantar quem lhe colocasse o olhar em cima.

De sorriso no rosto e de forma simpática, Rita dirigiu-se a eles com muita calma e, para mal dele, deu a entender que nunca se haviam conhecido.

— Boa tarde, como estão? Não me avisaram que haveria visita de outra imobiliária.

— Foi uma marcação de última hora, espero que não seja um incómodo.

Nesse momento, os clientes dela aproximaram-se com um sorriso em ambos os rostos. Rita assentiu para que ele mostrasse a casa. Enquanto falava com os seus clientes, o seu olhar fugia na direção dele. Mais do que uma vez, observou-o a fazer o mesmo. Rita torceu o nariz ao constatar a maneira sensual com que ele falava com a rapariga do outro casal. Levada pelo rancor, abandonou por momentos os seus clientes, aproximou-se do outro casal e do seu rival.

— Desculpem voltar a incomodar. Acabei de fechar o negócio, mas terei todo o gosto em vos ajudar a encontrar um imóvel com o potencial certo para vocês.

— Estás a querer dizer que não consigo atender bem os meus clientes?

— Não me levem a mal a intromissão, nunca foi minha intenção colocar isso em causa. — *Vira-se para os clientes.* — Até que ponto podem confiar neste senhor? Que garantias lhe foram dadas? Pelo que é sabido ainda há dias saiu da prisão e não era agente imobiliário.

Os clientes entreolharam-se, aproximaram as suas caras e mexericaram por segundos.

— Excelente jogada.

— Não é uma jogada. É a constatação de um facto. Um agente imobiliário deve dar garantias aos seus clientes, deve orientá-los num imóvel que se enquadre nas suas exigências. — *Encara os*

*clientes.* — Digam-me, falaram sobre os diferentes valores dentro do vosso orçamento? Perguntaram em específico o que procuravam num imóvel, se haveria hipótese de uma mudança se o desjassem? Porque ver imóveis é fácil, mas saber mostrar imóveis que correspondem ao que os clientes querem é mais difícil. Um agente imobiliário competente tem de vos garantir que lhes podem confiar os vossos desejos mais profundos para que o mesmo consiga encontrar o imóvel perfeito para vocês.

Cativar! Aquela miúda sabia o fazer, sem se esforçar. Quase deixou o queixo cair perante a palestra dela.

Claro que os seus clientes concordaram com cada palavra proferida. Ele nunca fizera aquilo, os seus modos de fechar um contrato eram outros. O facto de ela lhe tirar os clientes nem foi o que o deixou em baixo, era o olhar frio constante que lhe dirigia. Não conseguia discernir se ainda mexia com ela, ou se a dor que lhe infligia sobressaía.

Rita reparou que ele coçava a barba castanha. Admitia que lhe dava um ar charmoso, enquanto colocava a outra mão no bolso. Tudo o que ele queria era passar uma postura tranquila, sem sucesso. Bastou mais meia dúzia de palavras e Rita conseguiu arrecadar aqueles clientes.

— Aqui está o meu cartão. Também podem passar na imobiliária Vieira, terei todo o gosto em agendar uma hora para vos acompanhar numa excelente escolha para as vossas vidas. Pelo vosso perfil, posso garantir que tenho dois, no máximo quatro, imóveis que vos serão agradáveis.

O homem do casal trocou olhares com a esposa e voltou a atenção de novo para eles.

— Senhor David, agradeço a disponibilidade em nos ter mostrado a casa, mas depois do que ouvimos e pela constatação dos factos, não vamos prosseguir com o negócio. Uma empresa metida em burla não dá segurança nenhuma. Pedimos desculpa e agradecemos, mas vamos a partir de agora falar com a...

— Peço desculpa pelo meu erro. Rita... — *Oferece a mão.* — Rita Geraldês.

David acompanhou-os à porta, mas antes de ela se afastar, ele teve tempo de se voltar e agarrar-lhe o braço, pressionando os seus dedos em volta do músculo, com força.

— Depois de tanto tempo separados, é assim que me recebes?

— Solta-me! Quem te ouvir falar pensa que alguma vez tivemos alguma coisa.

— Nós tivemos alguma coisa.

— Não, estás muito enganado. Eu namorei um rapaz fantástico, sim, chamado Daniel, ele fez-me sentir coisas que nunca achei capaz de algum dia sentir, mas infelizmente desapareceu.

— Desapareceu? É assim que vais jogar?

— Meu caro, estás muito enganado se achas que faço da vida um jogo, ou uma mentira. — *Ela apaga a distância entre eles.* — Porque ambos sabemos quem de nós os dois é uma mentira.

Deixando-o sem resposta, Rita ajeitou a camisa e mostrou o seu melhor sorriso enquanto calçou o chão de forma confiante até ao local onde estavam os seus clientes.

Ao deixar a casa, avistou a figura masculina de semblante pesado, um olhar semicerrado na sua direção. Tentou ignorar aquela figura e despediu-se dos clientes com a maior animação possível. Olhou de raspão por cima do ombro, David continuava especado a seguir-lhe os passos com a cabeça. Não entendia o que ainda fazia ali, mas pelo pouco que conheceu dele sabia que não deixaria a conversa a meio.

De pernas e braços cruzados, encostado ao capô do carro, com óculos escuros, com o ar rebelde que tanto a atraía. Sem lhe passar cartão, moveu-se em direção ao seu carro, mas parou ao som da voz dele.

— Fechas-te o contrato?

Não lhe devia responder, mas o sabor da vitória era ainda melhor quando se tratava de o meter no lugar dele. Claro que o verdadeiro motivo de se meter com os clientes dele foram os ciúmes, não enganava ninguém. Esperava que o seu superior não viesse a descobrir. Passo a passo aproximou-se dele.

— Eu não perco um único negócio.

— Calculo que não. Os meus *ex*-clientes ficaram deveras impressionados contigo. Até falaram na possibilidade de te recomendarem a outros amigos.

— E eu terei todo o gosto em os ajudar.

— Nem que para isso tenhas de jogar sujo e afundar os outros. Criticavas tanto e agora...

— E tu fechas sempre os teus contratos debaixo dos lençóis?

David abanou a cabeça, descruzou as mãos e endireitou-se.

— Não que precises de saber, mas sim. É a melhor maneira de ser bem-sucedido... Nunca imaginei que me tivesses roubado os clientes por ciúmes.

— Ciúmes? Por que carga de água devia ter ciúmes de um tipo que não conheço?

O olhar frio e as palavras dela revelavam o que já suspeitava. A mágoa que a preenchia devido às suas mentiras ainda a assombrava, no entanto, não deixava de ver uma réstia do fogo que tanto os consumiu. Por mais que negasse, ela intrometeu-se por ciúmes.

— Se não foram ciúmes, como deduziste que era debaixo dos lençóis que fechava os meus melhores negócios? Diz-me... foi a mão que coloquei ao fundo das costas da rapariga que me denunciou? Porque foi logo a seguir que te meteste onde não eras chamada.

— Tu és um sacana. A rapariga estava com o marido. Não tens vergonha nessa cara. Ainda por cima pensas que és o centro das atenções.

Deu um passo na direção dela, a centímetros do seu corpo, percorreu com o olhar os lábios dela, mostrou que a qualquer segundo os podia ter. Rita não recuou, tentou mostrar-se controlada, demonstrar que a presença dele não a afetava.

— Talvez o centro da tua atenção. Terem marido não as impede de fazer o que tu tanto gostaste.

— Tu és um sacana da pior espécie. Maldita a hora em que te voltei a encontrar.

— O quê? Agora já não finges que não me conheces. — *Rita desviou o olhar.* — Não te devias ter colocado no meu negócio.

Onde está a moral da pessoa que tinha medo de que eu fosse afundar a empresa quando tirasse tudo ao meu pai? Estás a fazer um serviço sensacional a esse respeito.

— Tratasses as clientes com respeito que eu não tinha de intervir.

— Afinal são ciúmes. Diz-me, ainda sonhas comigo a deslizar em cima de ti? A fazer-te gritar de prazer...

Uma estalada não foi suficiente para o que ele merecia, então desferiu-lhe duas com toda a força. Numa descarga pelas mentiras. Saiu de junto dele, mas antes dele ripostar, ainda voltou atrás e deu outra estalada.

— Nunca mais me dirijas a palavra. Eu tenho nojo de ti.

Em passos rápidos, chegou à porta do carro.

— Não te devias ter metido. — *Grita.*

— Isso é uma ameaça, senhor David Trindade? Porque já nada em si me assusta.

— Imagina se chega aos ouvidos do teu chefe o que aconteceu hoje aqui. Ficarás tão desiludido, da sua agente imobiliária de maior sucesso passar por cima dos outros para obter lucros. — *Rita fica admirada.* — Sim, Rita. Eu sei perfeitamente dos teus feitos. Achas que passariam despercebidos a uma imobiliária como a minha?

Rita não se deu ao trabalho de abrir a boca, entrou no carro, as suas mãos tremiam pelo confronto, os pneus chiaram com a violência e rapidez com que saiu do estacionamento. O dia não estava a terminar da melhor maneira. Só queria esquecer. Esquecê-lo! Um bom jantar e o conforto da sua casa era tudo o que pedia naquele momento.

### Capítulo 3



Andava pela lateral da casa com o telemóvel na mão, enquanto desabafava os acontecimentos do dia à amiga. Apesar do estado de nervos em que se encontrava, rever aquele homem que tanto a fazia pulsar fez com que o sentimento de nostalgia invadissem a sua mente. Coçou a testa e vislumbrou a mãe através do vidro da cozinha, que lhe acenou. Não teve a noção de quanto tempo passou desde o fim do telefonema com a amiga, mas mal atravessou a soleira da porta foi recebida com um terno abraço da mãe.

Após um dia intenso de intromissões sentimentais, não havia melhor forma de terminar o dia do que chegar ao conforto da sua casa, com o cheiro familiar da comida da mãe. Como sempre Rita descalçou os sapatos e deixou-os junto ao sofá.

— Mãe, precisas de ajuda com o jantar?

— Não, minha querida. Deves estar exausta.

— Tu também! Vá eu ajudo com qualquer coisa.

— Sabes qual é a melhor ajuda que me podes dar? — *Rita sorriu ao prever a resposta da mãe.* — Descontraíres. Pareces muito tensa.

Passo antepasso, Rita subiu os degraus até ao seu quarto onde vestiu algo mais confortável, antes de regressar para junto da mãe encarou o seu reflexo no espelho. Os olhos espelhavam um pouco de desilusão devido à forma como ganhou um negócio, não fazia parte dos valores dela usar assuntos pessoais para sair por cima. Só esperava que ele não abrisse a boca, senão tudo pelo que lutou cairia por água abaixo.

Inspirou e expirou com intensidade antes de regressar para junto da mãe. Abriu uma garrafa de vinho, ofereceu um copo à mãe, mas ela declinou. Sentou-se no banco que se encontrava junto da ilha.

O olhar atento da mãe notou o quanto ela estava longe dali. Tentou perceber o que havia de fazer, mas quando a filha torceu o nariz todas as dúvidas de que algo se passava dissiparam, os seus ombros descaídos revelaram uma acumulação de aflições. Pousou a faca, pegou numa travessa e dispôs as batatas lentamente.

— Queres falar?

A voz da mãe trouxe-a de novo à realidade. Suspirou enfraquecida, a pergunta da mãe ameaçou a capacidade de conter as lágrimas que tanto se esforçou para controlar.

Bebeu mais dois goles do líquido vermelho, pousou o copo na bancada e brincou com o mesmo nos dedos.

— O Renato passou das marcas. Teve a lata de dar entrada para os papéis da última casa que vimos sem me consultar, e como se não bastasse, marcou a data do casamento. Nem se preocupou com a minha disponibilidade. Depois admira-se que bata com as minhas reuniões.

— Reuniões essas que podes muito bem declinar, ou mudar o dia. Exatamente o mesmo que tens feito em relação ao casamento.

— O que queres dizer com isso?

— Quando vais acabar com esse casamento de vez, filha?

— Também tu? Eu gosto do Renato, foi a ele que escolhi para construir família.

A mãe ergueu a sobrancelha e cessou os seus movimentos. Apoiou as mãos na bancada e olhou nos olhos da filha.

— Gostar, eu gosto de batatas e não é por isso que vou casar com elas! O Renato vai ser sempre alguém de quem gostas, um amigo, nunca vai ser mais do que isso, não cometas o mesmo erro do teu pai. De ficar com uma pessoa que não amava.

— O que o pai fez foi trair-te, sem vergonha nenhuma.

— Ambas sabemos que as coisas não foram assim tão lineares. Nos primeiros anos, o teu pai até podia achar que havia amor, mas mais tarde descobriu que isso não era verdade. Quando encontrou o amor de verdade, não podia continuar comigo, não fazia sentido. Deixa o Renato, antes que te arrependas quando realmente casarem e ambos acabarem infelizes.

— Estás a usar o meu casamento para desculpar o que o pai te fez? Isso não faz sentido, mãe. Ele estava contigo e com outra ao mesmo tempo, isso não é justificável.

— Ambos tínhamos receio de como reagirias se ele saísse de casa tão cedo. Ele continuou sempre do meu lado para te podermos providenciar o melhor, mas já não havia nada entre nós quando ele arranjou outra família. A propósito, está na altura de conheceres a tua irmã e fazeres as pazes com o teu pai.

— Eu não te consigo entender.

— Eu sei, filha. Um dia espero que entendas, que tanto eu, como ele, fizemos tudo para garantir o teu bem-estar e evitar que sentisses que ele te estava a abandonar. Vais entender que uma traição pode ser perdoada. Além disso, não é uma traição a partir do momento em que não há amor, só uma bonita amizade.

— Até podia não existir amor da parte dele, mas da tua...

— Também já tinha acabado. Não existem culpados. Foi um término amigável para ambas as partes. Como te disse, nós já estávamos separados antes de ele se apaixonar. Tu sabes disso. Só queres uma razão para justificares o facto de ele ter saído de casa. Ele ama-te, filha. Tens de entender isso.

Rita inspirou o ar que a rodeava, enquanto desviou o olhar para a rua, a sua mente foi invadida por pensamentos tão depressa como o veículo que passou no exterior a grande velocidade, levou o copo aos lábios e deixou que o líquido desaparecesse na sua boca. Encheu o copo de novo e perguntou a medo.

— Que idade tem a minha irmã?

— Filha, volto a salientar que nós já estávamos separados muito antes dele avançar com a sua relação. Ele permaneceu connosco, porque eu estava desempregada e o teu pai queria assegurar que tu conseguias completar os estudos e que ambas tivéssemos uma vida assegurada.

— Mãe, quantos anos tem a minha irmã?

— Quase a tua idade...

— Mãe!?

Os olhos de Rita pareciam um farol a iluminar a divisão, enquanto os revirava. A relação dos pais era uma mentira ainda maior do que Rita podia imaginar. Todos aqueles de quem ela mais gostava mentiam, seria assim algo tão inimaginável a honestidade?

— As omissões e mentiras vão continuar? Se somos quase da mesma idade, não foi algo gradual o desaparecimento desse amor, ele manteve duas famílias por quase dez anos! Dizes que pode ter existido amor no início, então só cinco anos do vosso casamento teve amor? É isso? Alguma vez realmente se amaram?

— Rita... são águas passadas, não vale a pena remexer num passado em que nada pode ser alterado. Nem tu, nem a tua irmã têm culpa das nossas decisões. Por isso mesmo é que não quero que cometas o mesmo erro. Estar numa relação de amizade não traz nada de bom.

— Nunca me vais contar o que realmente se passou, pois não?

— O que precisas de entender é que tu és a menina dos olhos do teu pai. E que nada vai mudar isso. Não deixes que isso interfira na tua vida.

Em tempo recorde, Rita já havia bebido mais dois copos de vinho como se de água se tratasse sobre o olhar desaprovador da mãe, que a conhecia bem demais.

— O que realmente te está a incomodar? Não me enganas, nem me faças acreditar que estás assim por causa do teu pai, ou do Renato.

De cabeça baixa sobre os braços, Rita resmungou para si e suspirou fundo.

— Estive com o David hoje.

Sem responder diretamente à revelação de Rita, a mãe sentou-se no banco ao seu lado e envolveu-a num abraço aconchegante, acompanhado com um beijo na cabeça e, sem descolar a sua testa da filha, libertou as seguintes palavras:

— Termina esse casamento sem sentido. Ambas sabemos por que aceitaste.

Rita levantou a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

— O David mentiu-me, brincou com os meus sentimentos. Eu não valho nada para ele.

— Ainda assim, ele é o dono do teu coração.

Rita deixou as lágrimas lhe lamberem a pele da cara, num choro como em meses não fazia. A mãe envolveu-a nos braços e puxou-a mais contra si. Deixou que a filha libertasse as emoções contidas.

— Quando se vive uma história como a vossa, não existe casamento forçado que vos vá afastar.

Naquele momento Rita percebeu que a mãe não estava só a referir-se a ela, mas também ao casamento dos pais.



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



## Capítulo 4



Ao entrar em casa de rompante, David arrancou a gravata e dirigiu-se ao escritório, o embate do fecho da porta fez as paredes estremecerem. Com o olhar desolado e irritado, encheu um copo com *whisky*. Marcou passo de um lado para o outro, em dois goles o líquido desapareceu do pobre copo que teve como destino a parede mais próxima. Apoiou-se na cadeira, permitindo que a exaustão dos nervos tomasse conta de si. O olhar frio dela. A maneira rude com que lhe falou. Parecia a lâmina afiada de uma faca a entranhar-se no seu coração. A culpa era dele. Devia ter revelado a verdade toda quando percebeu que a queria por perto, explicar-lhe a sua inocência. O pouco que lhe deu não era suficiente para a fazer ficar, sempre soube disso. A cadeira esvoaçou pela divisão na mesma altura em que a porta se abriu.

O olhar incrédulo da cunhada, não deixava margens para dúvida. O controlo das suas ações estava perdido. De mãos na cintura, deixou a cabeça cair para trás. A cunhada fechou a porta, sentou-se na secretária, apoiou os braços nas pernas e repreendeu-o com o olhar pelo que acabava de testemunhar.

— Para de me olhar assim. Estava nervoso.

— E isso é motivo suficiente para destruíres o escritório?

David aproximou-se, suportou o seu peso sobre as mãos que colocou na mesa. O seu olhar vagueou entre o tampo da mesa e a parede branca marcada pelo copo que havia atirado. Vagueou perdido pelo caos da sua mente e pela iminente ruína que está tão próxima.

— Flávia, eu não consegui fechar o negócio.

— Existirão outros. Eu sei que era importante para este mês, mas havemos de conseguir.

*David desmanchou-se às gargalhadas.* — Aquela miúda tem razão.

Flávia olhava intrigada com a confissão do cunhado, enquanto David sorriu maleficamente cada vez mais. Num momento a sua face contorcia-se num riso quase assustador, no momento a seguir, a sua expressão ficou séria.

— Eu não sei como vender uma casa. Eu nunca fiz isto. Uma coisa é estar atrás de uma secretária a dar ordens, outra é falar com as pessoas. Eu odeio isso. Não suporto fingir para agradar. No entanto, ela faz tudo parecer natural, espontâneo. Não finge nada e deixa as pessoas doidas com a sua simpatia e ternura. É admirável a forma como me roubou os clientes.

— Espera, tu deixaste outra agente roubar-te os clientes? De quem estás a falar?

David endireitou-se. Ponderou se deveria ou não contar, a cunhada e o seu grande amigo eram as únicas pessoas em quem podia confiar. E se tivesse sido honesto consigo desde o início, teria concluído que Rita também poderia fazer parte deste grupo de pessoas com quem pode contar e confiar cegamente.

— Não interessa.

— Claro que interessa. David, não podes deixar que roubem os clientes. Estás a um passo de ficar falido... estamos. Eu ainda tenho mais uma semana de baixa. Ou te orientas, ou tens de arranjar mais alguém. Talvez valha a pena correr o risco de colocar mais alguns funcionários na empresa.

— Nós não vamos falir. Fica descansada que eu tenho mais que suficiente para nos manter.

— Esse dinheiro não vai durar para sempre se não houver lucro. E ambos sabemos que não vais voltar a aceitar a ajuda dele.

David coçou a nuca e abanou a cabeça frustrado, endireitou a cadeira que atirou há momentos atrás, regressou para junto da cunhada e sentou-se em cima do tampo da secretária.

— Já ouviste falar da agente imobiliária Rita Geraldês?

— Claro! Não deve haver uma imobiliária que não tenha. A miúda é um “às” a vender casas. Quem nos dera ter uma agente assim. Estás a pensar em sondá-la?

— Talvez! — *Sorri matreiro.*

— Não, nem penses. Não vais seduzi-la para que ela aceite trabalhar connosco. Não vais descer tão baixo como o teu irmão fazia. — *Inspira fundo*. — Aliás ela já não trabalhou connosco? — *David assentiu*. — Mais uma razão para não usares truques baixos, ela nunca aceitará trabalhar connosco de novo, muito menos se tu a tentares seduzir.

— Claro que não vou fazer o mesmo que o meu irmão. A rapariga que estava a referir-me que fazia tudo parecer natural era ela. Estava a mostrar a mesma casa que eu. Deu a volta aos meus clientes com meia dúzia de palavras... e ainda por cima, aposto que foi só para se vingar.

— Vingar? Achas que o fez para se vingar do que o teu irmão lhe fez? — *David negou*. — Então que outra razão teria, o que não me estás a contar?

— A Rita Geraldês é... a minha Rita.

Flávia abriu a boca com a confissão dele, agora percebia o nervosismo dele. Não estava assim por ter perdido um negócio, estava assim por voltar a enfrentar a mulher de quem gostava e perdeu.

— Sendo assim nem vale a pena tentar que ela trabalhe connosco, ela nunca aceitará.

Após uns segundos de silêncio, David quebrou-o de forma brusca.

— A Clara está em casa? Não suporto mais ver essa gaja a pavonear-se por aqui.

— Tens bom remédio. Põe-na a andar.

— Eu não posso. Não quando estou tão perto.

— Dizes isso há quase um ano e, no entanto, ela continua sem se desbocar e tu estás agarrado a essa fachada. Sabes tão bem como eu que perdeste a Rita por causa disso. Se vais tentar que ela venha trabalhar connosco, tens de começar a ponderar o que vais fazer e talvez pensar em mudar a forma como tomas decisões na tua vida.

— Só existe um único objetivo importante para mim... a Rita voltar a ser minha. Eu não preciso que ela trabalhe diretamente

conosco... ainda. Só preciso de começar a fazer com que me deixe aproximar de novo, nem que demore uma eternidade.

Flávia ergueu a sobrancelha, observou os músculos tensos na cara do cunhado, ele expeliu o ar que mantinha preso e pegou no telemóvel. Manteve-se atenta à conversa, sorriu fascinada com a ideia. Era uma maneira inteligente de salvar a empresa, o trabalho dos que ainda restavam e de trazer a mulher da sua vida para junto dele.



## Capítulo 5



Pontual e com um forçado ar confiante, oposto ao que realmente sentia, David entrou na imobiliária Vieira e cumprimentou de imediato o dono. Rita tinha razão, em comparação com a sua empresa, esta imanava confiança por todos os lados, a começar pela disposição daquele homem a ouvi-lo. Sentia que finalmente fazia aquilo para que fora treinado: ganhar dinheiro. Apesar da sua segunda intenção, não sairia dali sem encher um pouco o bolso. Perscrutou todos os gabinetes na esperança de a ver, ao seguir de forma calma o dono da imobiliária, um tipo grisalho, de aparência rechonchuda. Era dócil demais, o que permitia a qualquer um passar-lhe a perna, algo que David estava disposto a tirar vantagem. Pararam junto da secretária e quando o nome dela lhe chegou aos ouvidos, prestou mais atenção à conversa.

— Quando a Rita chegar, que dê despacho ao contrato de ontem.

— Senhor, ela já tratou disso ontem e já o recebi por *e-mail*.

— Fascinante! — *Vira-se para David*. — Uma joia de miúda. Nem sei porque me preocupo.

Um breve sorriso dançou-lhe nos lábios, quando o pobre homem virou costas, David semicerrou o olhar na sua direção. Ela era a sua miúda, se alguém seria dócil com ela era ele, não um velho meio acabado. Não seria o imbecil que a perderia duas vezes. Com a mão direita, o Sr. Vieira indicou-lhe que entrasse num gabinete pouco maior do que os que avistou ao longo do corredor. Sentaram-se quase em simultâneo. David continuava com uma postura rígida, mas efusivo por dentro. Se tudo corresse bem, ainda naquele dia conseguiria que ela estivesse com ele.



Colocou a mão em frente da boca enquanto a abria, e com um andar molengo, Rita entrou na agência imobiliária, tentou manter o andar firme apesar do seu corpo ainda dormente. Não conseguiu dormir muito bem depois de tudo o que se tinha passado. A receção encontrava-se vazia, e um pequeno sorriso floresceu nos seus lábios quando se cruzou com os colegas no caminho para o seu gabinete. Antes de entrar, dirigiu-se à máquina de café que havia no corredor. De volta ao gabinete, colocou o café em cima da secretária, espalhou os documentos que descreviam as novas habitações disponíveis no mercado de forma a ficarem visíveis. Não seria um dia muito preenchido, infelizmente, não existia nenhuma marcação, contudo mantinha a esperança de que uma marcação de última hora surgisse e arredasse pé da imobiliária. Reviu o contrato que fizera no dia anterior. Ao terminar, abandonou o seu escritório, arrastou os pés para verificar se a secretária o teria recebido no dia anterior. Ao aproximar-se, reparou que ela estava de braços cruzados com mais duas tipas a murmurar e com olhares nadas discretos tentavam observar o interior do gabinete de reuniões.

— Bom dia! Idalina, recebeu o meu *e-mail*?

— Sim, sim.

— Posso assinar?

A secretária apressadamente pegou nos documentos e colocou-os em frente dela, e regressou para junto das outras com um entusiasmo intrigante.

Rita tentou disfarçar a curiosidade, mas sem levar avante meteu-se com elas.

— Estão a ver passarinho?

— É mais um gato...

— E que gato. Imagina aquelas mãos.... Aquele corpo sobre... ui até arrepiava.

— Eu ouvi dizer que ele não perde uma... leva-as todas. A diferença entre o irmão, é que este não chantageia ninguém. Quem quer, quer. Quem não quer...

— E quem não haveria de querer...

Rita estava cada vez mais intrigada com a conversa das colegas, olhava de soslaio enquanto acabava de verificar os documentos. Quando os pousou, chamou a secretária, indicou-lhe que tudo se encontrava pronto para seguir em frente. Ela assentiu, guardou os documentos e quando Rita rodou os calcanhares para voltar para o gabinete a voz da colega ecoou na sua cabeça.

— Sabes quem cá está?

— Devia saber?

— O David Trindade. — *Ficou sem chão.* — Marcou uma reunião de última hora com o patrão e estão ali há horas a trocar ideias. Não sabes de nada?

Rita engoliu em seco, terá vindo denunciar o que ocorreu no dia anterior? Coçou a testa de forma rápida, mas respondeu com a máxima segurança.

— Haveria de saber, porquê?

Por instinto alinhou umas folhas desalinhasadas, mas o seu olhar colou na face da colega depois desta libertar um comentário que lhe chamou atenção.

— Quanto tempo acham que ele aguenta no ato?

— Mais do que possas imaginar. — *Sussurra entre dentes só para si enquanto vira costas e volta para o gabinete.*

Com os cotovelos apoiados na secretária levou as mãos à cabeça. Era o fim. Se ele abrisse a boca sobre os clientes roubados ficaria arruinada, e não voltariam a confiar na veracidade do seu trabalho. Sobre o que estariam a falar há horas? Como queria estar com as colegas para perceber. Claro, que a curiosidade dela era por motivos diferentes. Recostou-se na cadeira e girou um lápis nos dedos. Um sorriso surgiu quando lembrou os comentários das colegas. Estavam longe de imaginar tudo aquilo que ele era.

Ela própria ainda estava para descobrir tudo o que ele era. Abanou a cabeça, abriu o computador e tentou concentrar-se. Impossível! A sua cabeça viajava demasiadas vezes para o corredor. Sabia perfeitamente que quando ele saísse passaria por ali e seria inevitável voltarem a cruzar-se. Implorava em segredo para que algo a obrigasse a sair do escritório antes desse momento.

As suas preces não foram ouvidas. Saltou na cadeira quando o som do telefone invadiu o escritório.

— O senhor Vieira pede que vás ao gabinete de reuniões.

Rita desligou e ganhou uma secura na garganta.

— Não acredito que aquele sacana me denunciou.

Estava determinada a usar todos os argumentos que fossem precisos para manter o emprego. Se pensava que podia aparecer de novo na sua vida e destruí-la outra vez, estava redondamente enganado. Ganhou coragem, levantou-se da cadeira e sacudiu o cabelo e o medo dos ombros. Quando se aproximou com passos confiantes das colegas que continuavam a bisbilhotar, dirigiu-lhes um sorriso amável, como sempre o fizera. Bateu de leve à porta e ouviu a voz do chefe dar permissão para entrar. Estava tranquilo. Bom sinal. Entrou, e o sorriso vitorioso e de segundas intenções que tão bem conhecia estampado na cara de David chamou a atenção. Naquele momento, algo dentro dela se contorceu, desconfiava que este era o primeiro de muitos encontros.

Tanto ele como o chefe se levantaram em simultâneo. O olhar dele percorre o corpo dela sem pressa nenhuma, não foi nada disfarçado, as calças de ganga dela assentavam que nem uma luva, e aquela camisola que lhe deixava a clavícula desnuda faziam-no querer beijar cada pedaço, saboreando.

— Rita... não sei se conhece, mas este senhor é o David Trindade.

David com sorriso traiçoeiro oferece-lhe a mão para a cumprimentar, ela olha-o desconfiada, mas cede, não sem antes de lhe dar troco.

— Felizmente, nunca tive o privilégio.

David percebeu claramente a frieza daquelas palavras. Não a podia censurar. As mãos de ambos entraram em contacto, a pele quente de cada um envolveu-se, Rita sentiu o calor a invadir-lhe a alma, por seu lado, David procurou o olhar castanho dela, aquele brilho que faz o seu coração pulsar com desejo. Não existiam dúvidas, o que sentiam ainda estava vivo. A rapidez com que Rita se afastou do seu toque foi notável para todos na sala.

O senhor Vieira fez sinal para se sentarem, ela ainda não desconfiava o que a traria até ali. A calma na sala mostrava que não teria sido uma denúncia. A sua atenção estava totalmente focada no que o chefe dizia, explicava detalhadamente o plano, o projeto proposto por David. Um condomínio privado de luxo, com um infantário logo ao lado, uma escola privada, um espaço de lazer com várias lojas para alugar, um jardim amplo e chamativo. No entanto, sentia o olhar quente de David sobre as curvas do seu corpo. Após uma pausa, David finalmente tirou o projeto da mala e dispôs em cima da mesa para todos verem. De facto, era um projeto tentador. Os três levantaram-se e debruçaram-se sobre o mesmo.

— Como eu disse, um projeto inovador que será uma mais-valia para ambas as imobiliárias. Com poucos riscos e muito lucrativo.

— O que achas, Rita?

Não concordava. Não com o projeto, mas com quem estava a ser o investidor. Através dos jornais, Rita estava mais que informada acerca do facto de David estar praticamente na bancarrota. Além disso, o dinheiro que o senhor Vieira investirá não dará para cobrir nem um terço das despesas. Para piorar a situação, não fazia ideia o motivo da sua presença naquela sala. Ponderou uns segundos e depois fez-se luz.

Lembrou-se do sorriso dele, aqueles lábios meio abertos enquanto a perscrutava. Ela era a segunda intenção dele. As palavras saíram inesperadamente da sua boca.

— É um projeto excelente. — *Ficou admirada consigo.* — Só não percebo a relevância da minha presença aqui!

— O senhor David só avançará com o projeto se fores tu a ficar à frente. E visto que achas um bom projeto, então temos negócio.

Para mal dela, o que suspeitava confirmou-se. Tudo era uma marosca para se aproximar, como se ela o fosse permitir. Cuidadosamente enfrentou-o.

— Sabe que existe inúmeras pessoas aqui, mais qualificadas do que eu.

— Segundo a sua reputação, não existe ninguém mais qualificável. O negócio é simples, eu avanço com o dinheiro e todos os recursos. Só tenho um pedido. — *Esperou para ver a reação dela.* — Que seja a menina a controlar o projeto.

Quando Rita estava prestes a falar, foi interrompida pelo telemóvel do patrão. Este desculpou-se, saiu para atender e deixou-os a discutir sobre o projeto. Assim que saiu, a boa disposição dela evaporou.

— Tu estás doido, não podes aparecer aqui com exigências e com um projeto que vai arruinar todos. A tua imobiliária não tem dinheiro suficiente para um projeto destes. Vais dar cabo da vida das pessoas que se meterem nisso. Como deste cabo da minha.

— Onde foste tirar a ideia de que não tenho disponibilidade financeira?

— Está esparramado em todos os jornais.

— Informa-te melhor. Se pensas realmente isso, tens bom remédio, informa o teu chefe que está a cometer um grande erro. A não ser que isso sejam tudo desculpas para não trabalhares comigo.

— O meu problema és mesmo tu. Que pensas que podes mandar e controlar tudo. Se vens com segundas intenções, informo-te já que vais perder tempo.

— Tu sentiste o mesmo que eu quando me deste a mão. Não negues.

*Quando se trata dele, Rita fica sempre sem argumentos.* — Tu vais pedir outra pessoa para o projeto. Eu não vou colocar os pés na tua imobiliária.

— Numa coisa tens razão. Eu controlo muito bem os meus negócios e por norma ninguém me nega o que peço. Se não te tiver no projeto, ele nunca sairá do papel. E farei questão de te denunciar ao teu patrão.

— Tu és um sacana.

— Que quer muito, mesmo muito trabalhar contigo... ou em ti. Ainda te lembras como era?

— Felizmente já esqueci cada pormenor.

David deu um passo em direção a ela, Rita desviou o olhar e tentou dar um passo atrás, o sorriso dele revelou que percebeu a mentira que ela acabara de libertar.

— Vamos ter muito tempo para avivar essa memória. — *Afasta-se.* — Este projeto vai ser mesmo bom para todos. Eu não entro em nada para perder, não quando sei que estou no caminho certo. — *Rita percebeu a indireta.* — Podes confiar em mim.

— Nunca mais...

